

Quatro espécies novas da família Haploporidae (Trematoda: Digenea) de peixes de água doce da Colômbia, com uma revisão do gênero *Saccocoelioides* Szidat, 1954

Vernon E. Thatcher (*)

Resumo

Foram descritas as seguintes quatro espécies novas de trematódeos intestinais (Haploporidae) procedentes de peixes de água doce da Colômbia: *Chalcinotrema ruedasuelensis* n. sp. de *Astyanax fasciatus*; *Saccocoelioides magnorchis* n. sp. e *S. saccodontis* n. sp. de *Saccodon cauae*; e *S. leporinodus* n. sp. de *Leporinodus vittatus*. Foi caracterizado, de novo, o gênero *Saccocoelioides* Szidat, 1954, e apresentada uma revisão das espécies que devem ser incluídas neste gênero. *S. quintus* nom. n. foi proposto para substituir a designação *S. N.º 5* Szidat, 1954. *S. elongatus* Szidat, 1954, e *S. magnus* Szidat, 1954, foram consideradas como espécies inquerenda, e *S. sogandaresi* Lumsden, 1963, foi excluída do gênero. Adicionalmente, a espécie *Chalcinotrema salobrensis* Teixeira de Freitas, 1947, conhecida anteriormente apenas no Brasil, é citada pela primeira vez na Colômbia.

A Família Haploporidae compreende um pequeno grupo de trematódeos digenéticos principalmente encontrados em peixes marinhos do gênero *Mugil*, mas estes parasitas têm sido citados com mais freqüência, nos anos recentes, de peixes de água doce na América do Sul (Szidat, 1954, 1970, Thatcher & Dossman, 1974, 1975; Brooks, 1977).

Durante um inventário sistemático dos peixes de água doce do alto rio Cauca, perto de Cali, Colômbia, seis espécies novas desta Família foram encontradas. Duas destas espécies, que também representaram gêneros novos, já foram descritas em outras revistas científicas (Thatcher & Dossman, op. cit.). No presente trabalho, descrevem-se quatro outras espécies, que pertencem a gêneros já conhecidos. Está citada também a presença, na Colômbia, de outra espécie anteriormente conhecida somente do Brasil.

MATERIAL E MÉTODOS

Os peixes foram comprados dos pescadores da localidade e transportados vivos ao laboratório, em caixas especiais contendo água com oxigênio. Foram mantidos, no mínimo, dois dias em aquários oxigenados, sem alimentos, para o trato digestivo ficar mais limpo para facilitar o exame posterior.

Os trematódeos foram retirados do intestino delgado dos hospedeiros, lavados em água de torneira, mortos entre lâmina e lamínula com fogo brando e fixados em álcool-formol-ácido acético (AFA). Foram corados pelo Carmalum de Mayer e clarificados em salicilato de metila.

Os desenhos foram feitos com o auxílio da câmara clara ("Zeichentubus") da Wild. As medições foram feitas com ocular micrométrica Wild e são dadas em milímetros exceto quando foram indicadas em micra. São apresentados os limites inferior e superior com a média indicada entre parênteses.

SEÇÃO SISTEMÁTICA

Haploporidae Nicoll, 1914

Chalcinotrema Teixeira de Freitas, 1947

Chalcinotrema salobrensis Teixeira de Freitas, 1947

Hospedeiro: *Prochilodus reticulatus* Steindachner.

Habitat: Intestino delgado.

Procedência: Altos do rio Cauca, Departamento del Valle, Cali, Colômbia.

Esta espécie foi descrita no Brasil por Teixeira de Freitas (1947) do peixe *Chalcinus paranensis* Guenther. Os exemplares da Colômbia foram comparados com o material típico

(*) — Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus.

na coleção da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, e assim foi determinado, que representam uma só espécie. A única diferença observada foi que os trematódeos da Colômbia mostraram miracídios com manchas oculares dentro dos ovos e estes não foram visíveis no holótipo brasileiro. Acredita-se que esta diferença foi causada pelos métodos de fixação e coloração e, assim, representam apenas um artefato sem importância.

Este trabalho apresenta uma extensão da distribuição geográfica até à Colômbia e indica um novo hospedeiro da espécie.

***Chalcinotrema ruedasuelensis* n. sp.**
(Fig. 1)

Hospedeiro: *Astyanax fasciatus* (Cuvier)

Habitat: Intestino.

Procedência: Lago Ruedasuelta, Cali, Colômbia.

Holótipo: Fundação Oswaldo Cruz Col. Helm. N.º 31477.

Parátipo: Coleção do autor.

DIAGNOSE ESPECÍFICA (baseada em 2 exemplares): Corpo fusiforme, 1,4 — 1,5 de comprimento por 0,46 — 0,47 de largura. Cutícula sem espinhos. Ventosa oral subterminal, com 0,15 — 0,16 de diâmetro. Faringe musculosa, esférica, com 0,081 — 0,082 de diâmetro. Prefaringe curta; esôfago longo. Cecos intestinais curtos e largos, estendendo-se até à zona equatorial do corpo. Acetábulo no terço anterior do corpo ao nível da bifurcação cecal: mede 0,14 — 0,15 de diâmetro. Bolsa hermafrodita contendo vesícula seminal interna, células prostáticas e porção distal do útero, mede 0,075 — 0,10 por 0,15 — 0,16. Vesícula seminal externa presente, ligeiramente menor que a bolsa hermafrodita. Poro genital medial, anterior ao acetábulo. Ovário medial, perto da terminação dos cecos, esférico; 0,13 — 0,15 de diâmetro. Pequeno receptáculo seminal presente, imediatamente anterior ao ovário. Canal de Laurer não observado. Glândulas vitelínicas consistem de poucos folículos grandes os quais ocupam todo o espaço detrás do testículo e se estendem anteriormente de maneira irregular até ao nível do acetábulo. Útero curto, no terço mediano do corpo. Poucos ovos grandes, sem manchas oculares, medem 50 — 60 por 90 — 102 μ m. Vesícula excretora não observada.

DISCUSSÃO

De acordo com Brooks (1977), somente quatro espécies são reconhecidas no gênero *Chalcinotrema* até agora. Duas destas espécies foram descritas no Brasil, a saber: *C. salobrensis* Teixeira de Freitas, 1947, e *C. simonei* Travassos, Teixeira de Freitas e Burhnheim,

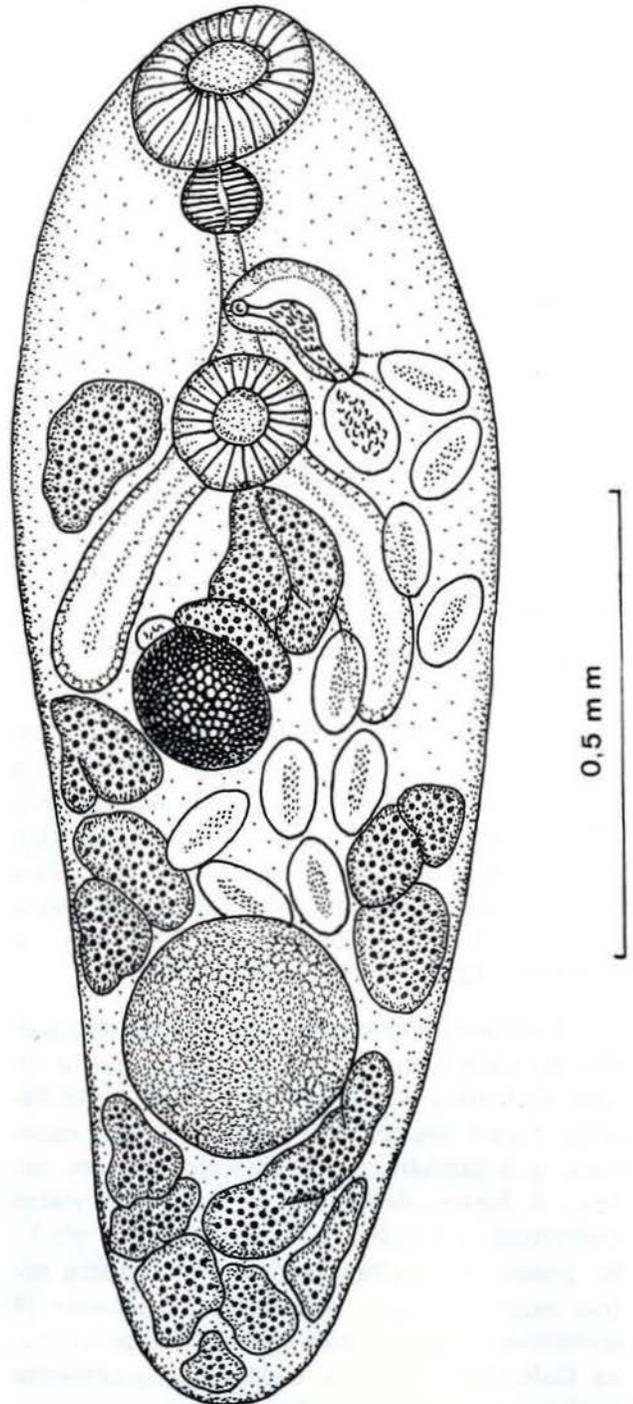


Fig. 1 — *Chalcinotrema ruedasuelensis* n. sp.; vista ventral.

1965. Uma terceira espécie foi descrita por Shireman (1964) sob o nome de *Carassotrema mugilcola* de um peixe do gênero *Mugil* na Louisiana. Overstreet (1971) colocou esta espécie no gênero *Chalcinotrema*. A quarta espécie é *C. lucieni* Brooks, 1977, de um peixe characídeo da Colômbia. Logo, a espécie aqui descrita representa a quinta do gênero. Quatro, das cinco espécies conhecidas, são da América do Sul.

C. ruedasuelensis n. sp. é mais próxima quanto à sua morfologia a *C. salobrensis*, da qual difere nos seguintes aspectos: a nova espécie é muito menor (1,5 mm contra 4,2mm). Na nova espécie os cecos intestinais não se estendem posteriormente ao ovário, enquanto na *C. salobrensis* chegam até perto do testículo. As glândulas vitelínicas de *C. ruedasuelensis* são mais extensivas atingindo o nível do acetábulo enquanto na espécie brasileira elas chegam apenas até as terminações dos cecos. A nova espécie tem menos ovos e os miracídios não têm manchas oculares. Além disto, a nova espécie apresenta diferenças de hospedeiro e procedência geográfica.

Saccocoelioides Szidat, 1964

A classificação das espécies do gênero *Saccocoelioides* encontra-se, até agora, em estado confuso. Szidat (1954) estabeleceu o gênero para um grupo de espécies que ele mesmo descreveu de peixes de água doce na Argentina. Afirmou que seu gênero era diferente dos outros da Família "principalmente por el gran desarrollo de vitelógeno, que en las siete halladas hasta ahora en la República Argentina se compone de numerosos folículos, generalmente grandes, distribuidos a ambos lados de la ventosa ventral, en la mitad posterior del cuerpo". Segundo ele, as outras estruturas internas não apresentaram nenhuma diferença fundamental em relação aos demais gêneros conhecidos com a ressalva de que as formas na Argentina são maiores.

Esta afirmação de Szidat não pode ser aceita como diagnose genérica. Com respeito às glândulas vitelínicas, seus desenhos mostram que em cada exemplar se encontram laterais ao testículo e ovário na porção posterior do corpo e não atingem o nível do acetábulo.

Quatro espécies novas...

Suas figuras também indicam que realmente existem outras diferenças entre este gênero e os demais gêneros da Família.

Szidat (op. cit.) incluiu 7 espécies no *Saccocoelioides*, a saber: *nanii*, *elongatus*, *magniovatus*, *magnus*, N.º 5, N.º 6 e N.º 7. Foram apresentados desenhos e descrições de todas estas espécies exceto a de N.º 7, da qual havia apenas uma amostra que se perdeu posteriormente. Szidat descreveu mais tarde (1970) uma oitava espécie que designou *Saccocoelioides octavus*. Nesta última publicação, ele apresentou um quadro comparando as principais medições de todas estas espécies exceto a de N.º 7. Na minha opinião, a S. N.º 7 representa uma designação inválida de uma espécie desconhecida, e não merece mais consideração nesta discussão. Desde que a opinião N.º 64 do Código Internacional de Nomenclatura Zoológica especificamente rejeita a aplicação de letras a uma série de espécies (a, b, c, etc.), podemos supor que uma série de números também não são válidos quando usados como indicadores de espécies. Neste caso, Travassos *et al.* (1969) foram justificados ao substituir o nome *S. szidati* para *S. N.º 6* de Szidat. Aceitando a validade do nome *S. szidati*, temos ainda o problema de *S. N.º 5*, forma que foi descrita e desenhada por Szidat. Aqui se propõe o nome *Saccocoelioides quintus* nom. n. para substituir *S. N.º 5* Szidat, 1954.

No trabalho de Travassos *et al.* (op. cit.), as seguintes espécies de *Saccocoelioides* estão citadas como "de provável ocorrência no Brasil" em virtude das que foram originalmente encontradas nos rios da Prata e Paraná: *S. nanii* Szidat, 1954; *S. elongatus* Szidat, 1954; *S. magniovatus* Szidat, 1954; *S. magnus* Szidat, 1954; *S. szidati* Travassos, Teixeira de Freitas & Kohn, 1969.

Estes autores, na mesma publicação, apresentaram uma diagnose genérica baseada nas descrições específicas de Szidat, mas não mencionaram as respectivas espécies numeradas.

O gênero de Szidat foi reduzido ao nível de subgênero dentro de *Lecithobotrys* Looss, 1902, por Yamaguti (1958), mas ele não ofereceu uma diagnose para *Saccocoelioides*. Ele incluiu em *Lecithobotrys* (*Saccocoelioides*) apenas as espécies *nanii*, *elongatus*, *magniovatus*,

e *magnus*, todas descritas por Szidat (1954). Yamaguti não mencionou as espécies numeradas, descritas por Szidat na mesma publicação.

Yamaguti (1971) mudou de opinião, reconhecendo o gênero de Szidat e oferecendo uma diagnose baseando-se nas descrições das espécies. Incluiu dentro do gênero *Saccocoelioides* as seguintes espécies: *S. nanii* Szidat, 1954; *S. elongatus*, 1954; *S. magniovatus* Szidat, 1954; *S. magnus* Szidat, 1954; *S. sogandaresi* Lumsden, 1963. Como no seu trabalho de 1958, Yamaguti não fez referência alguma às espécies numeradas de Szidat.

Martin (1973) reconheceu o gênero de Szidat e incluiu sua nova espécie australiana nele. Não apresentou uma diagnose genérica, mas insistiu na importância do tamanho dos ovos e na presença ou ausência de manchas oculares nos miracídios para definir os gêneros da família. Yamaguti (1971) não mencionou tais detalhes na sua diagnose genérica, e concordo com ele quando considera que tais características são de nível específico.

Martin (op. cit.) sugeriu que as espécies *magniovatus* e *magnus* (de Szidat) devem ser mudadas para o gênero *Lecithobotrys*. Isto não é justificável, já que a morfologia destas espécies corresponde à definição apresentada por Yamaguti (1971).

Segundo Martin (op. cit.) as seguintes espécies pertencem ao gênero *Saccocoelioides*: *S. nanii* Szidat, 1954; *S. elongatus* Szidat, 1954; *S. sogandaresi* Lumsden, 1963; *S. beauforti* (Hunter e Thomas, 1961); *S. pearsoni* Martin, 1973.

Martin também não tomou em conta as espécies numeradas de Szidat, e parecia não saber da descrição de *S. octavus* Szidat, 1970.

Na minha opinião, devem incluir-se dentro do gênero *Saccocoelioides* as seguintes espécies: *S. nanii* Szidat, 1954; *S. magniovatus* Szidat, 1954; *S. quintus* nom. n. (= *S. N.º 5* Szidat, 1954); *S. szidati* Travassos, Teixeira de Freitas & Kohn, 1969 (= *N.º 6* Szidat, 1954); *S. octavus* Szidat, 1970; *S. beauforti* (Hunter e Thomas, 1961); *S. pearsoni* Martin, 1973; *S. magnorchis* n. sp. (do presente trabalho); *S. saccodontis* n. sp. (do presente trabalho); *S. leporinodus* n. sp. (do presente trabalho).

Considero que *S. elongatus* Szidat, 1954, e *S. magnus* Szidat, 1954, são espécies "inquerenda", porque, julgando pelos seus desenhos, parece que apenas dois nomes foram aplicados a quatro espécies distintas. Com respeito à *S. sogandaresi* Lumsden, 1963, é evidente que esta espécie deve ser excluída do gênero *Saccocoelioides*, porque tem uma distribuição das glândulas vitelínicas bem diferente.

Ficamos, então, com 10 espécies no gênero das quais 8 são parasitas de peixes de água doce da América do Sul.

Pelo fato de que a diagnose genérica de Szidat é inaceitável, e a de Travassos, Teixeira de Freitas & Kohn (1969) contém vários erros, vamos caracterizar de novo este gênero.

Saccocoelioides Szidat, 1954

Diagnose genérica: Haploporidae; Haploporinae. Com as características da Família e Subfamília. Pequenos distomídeos com o corpo fusiforme ou alongado. Cutícula espinhosa ou lisa. Ventosa oral subterminal. Acetábulo equatorial ou subequatorial, igual, subigual ou maior que ventosa oral. Prefaringe curta; faringe igual ou subigual à ventosa oral; esôfago longo, bifurcando dorsal ou póstero-dorsal ao acetábulo. Cecos médio longo até longo; geralmente se estendem até o testículo, ou ponto posterior. Testículo único, grande, ovalado ou esférico; geralmente, encontra-se no terço posterior do corpo e, se não, é sempre pós-equatorial. Bolsa hermafrodita bem desenvolvida, maior que o faringe; contendo vesícula seminal interna, células prostáticas e porção terminal do útero. Vesícula seminal externa, de forma variável, presente. Poro genital mediano ou submediano; encontra-se entre acetábulo e faringe. Ovário esférico, mediano, imediatamente anterior ao testículo (pode até estar em contato com ele). Glândulas vitelínicas foliculares, nas zonas dorsolaterais; podem estender-se da margem posterior do testículo ao nível do acetábulo (ou podem ser mais limitadas em sua extensão). Alças uterinas laterais, em ambos os lados do corpo, do nível do testículo até o poro genital; podem, ou não, estender-se dentro da zona posterior ao testículo. Ovos mostrando, ou não, manchas oculares. Vesícula excretora alongada,

em forma de Y, bifurcando posteriormente ao ovário; poro excretor terminal. Parasitas intestinais de peixes de água-doce ou salgada.

Espécie Tipo: *Saccocoelioides nanii* Szidat, 1954

***Saccocoelioides magnorchis* n. sp.**

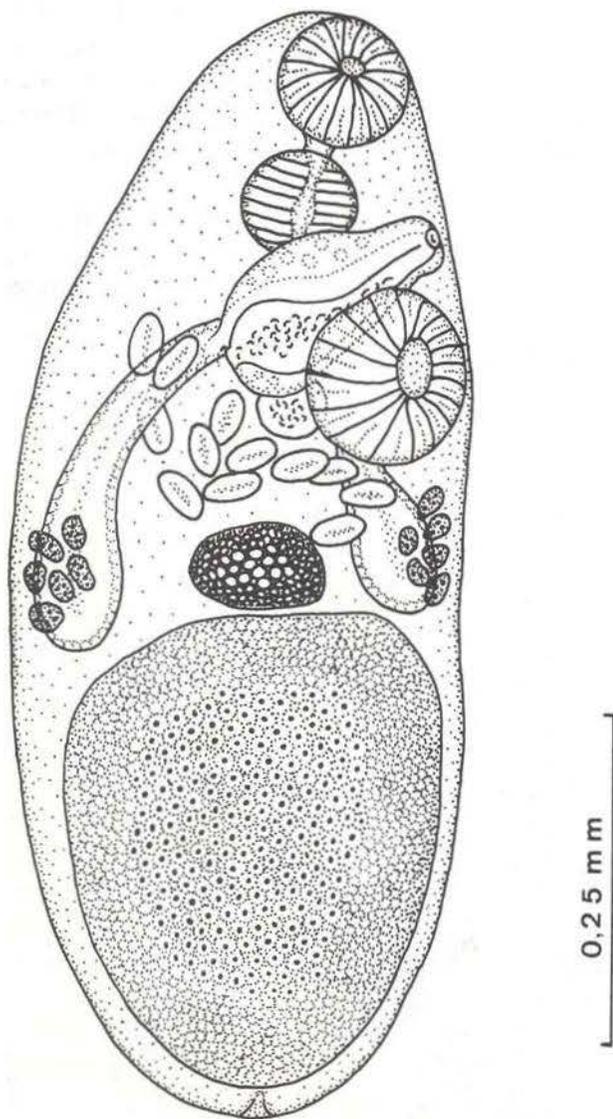


Fig. 2 — *Saccocoelioides magnorchis* n. sp.; vista semi-lateral.

Hospedeiro: *Saccodon caucae* Miles
 Habitat: Intestino.
 Procedência: Rio Pance, Departamento do Valle, Colômbia.
 Holótipo: Fundação Oswaldo Cruz Col. Helm. N.º 31478.
 Parátipos: Coleção do autor.

DIAGNOSE ESPECÍFICA (baseada em 5 exemplos): Corpo arredondado, diminuindo-se em direção à extremidade anterior; mede 0,54 — 0,96 (0,73) de comprimento por 0,24 — 0,51 (0,35) de largura. Cutícula lisa. Ventosa oral subterminal 0,075 — 0,10 (0,087) de diâmetro. Faringe musculosa, esférica 0,053 — 0,12 (0,088) de diâmetro. Prefaringe curta; esôfago longo. Cecos curtos, estendendo-se até à margem anterior do testículo. Acetábulo imediatamente posterior à faringe; 0,094 — 0,11 (0,10) de diâmetro. Testículo volumoso, alongado, ocupa quase todo o terço posterior do corpo; mede 0,18 — 0,42 por 0,24 — 0,44 (0,29 x 0,33). Bolsa hermafrodita mede 0,067 — 0,10 por 0,11 — 0,19 (0,087 x 0,14). Vesícula seminal externa, presente, ligeiramente menor que a bolsa hermafrodita. Poro genital mediano, entre acetábulo e faringe. Ovário imediatamente anterior ao testículo, mais largo que comprido; mede 0,053 — 0,13 por 0,08 — 0,10 (0,10 x 0,09). Canal de Laurer não observado. Glândulas vitelínicas consistem de poucos folículos pequenos perto das extremidades dos cecos; medem, mais ou menos, 0,025 de diâmetro. Útero ocupa meio terço do corpo. Ovos poucos, sem manchas oculares nos miracídios; medem 26 — 30 por 68 — 72 (28 x 70) μ m. Vesícula excretora não observada. Poro excretor terminal.

***Saccocoelioides saccordontis* n. sp.**
 (Fig. 3)

Hospedeiro: *Saccodon caucae* Miles.
 Habitat: Intestino.
 Procedência: Altos do rio Cauca, Departamento do Valle, Colômbia.
 Holótipo: Fundação Oswaldo Cruz Col. Helm. N.º 31479.
 Parátipos: Coleção do autor.

DIAGNOSE ESPECÍFICA (baseada em 7 exemplares): Corpo ovalado, diminuindo ligeiramente em direção à extremidade anterior; mede 0,74 — 1,2 (0,085) de comprimento por 0,31 — 0,38 (0,35) de largura. Cutícula provida de pequenos espinhos. Ventosa oral subterminal, 0,80 — 0,10 (0,09) de diâmetro. Faringe

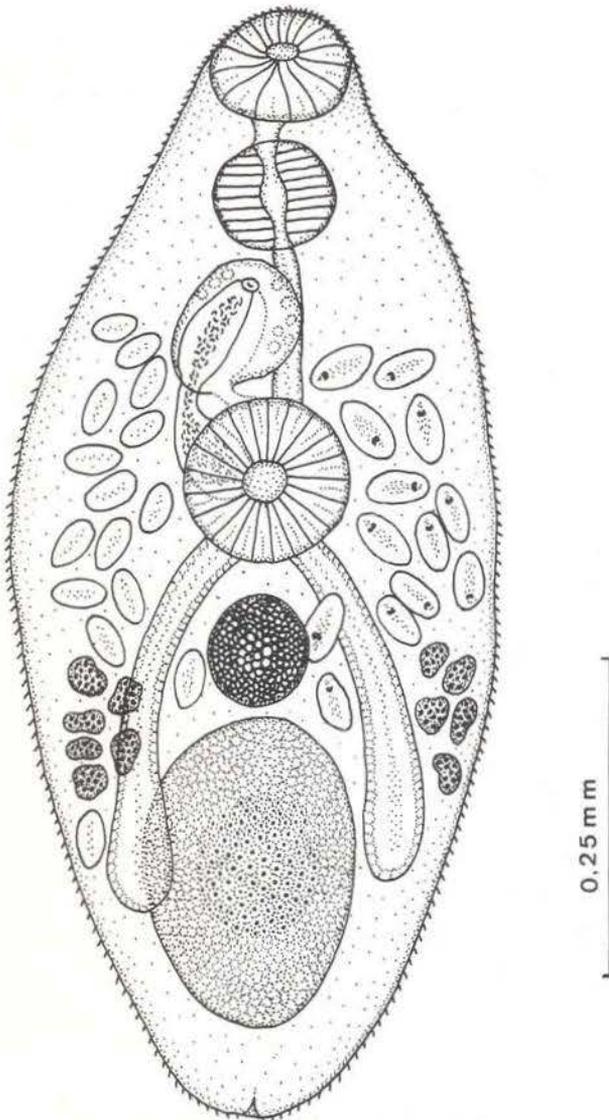


Fig. 3 — *Saccocoeleoides saccodontis* n.sp.; vista ventral.

grande, esférica, 0,082 — 0,11 (0,096) de diâmetro. Prefaringe curta; esôfago longo. Cecos meio-longos, estendendo-se até à metade do testículo. Acetábulo equatorial ou pre-equatorial, na zona da bifurcação dos cecos; mede 0,11 — 0,13 (0,13) de diâmetro. Testículo grande, alongado, no terço posterior o corpo; 0,14 — 0,20 (0,16) de largura por 0,18 — 0,28 (0,23) de comprimento. Bolsa hermafrodita mede 0,082 — 0,11 (0,09) de largura por 0,11 — 0,15 (0,12) de comprimento. Vesícula seminal externa de tamanho variável presente. Poro genital submediano perto da margem posterior da faringe. Ovário imediatamente anterior ao testículo: quase esférico, mede 0,08 — 0,09

(0,083) de diâmetro. Receptáculo seminal ausente. Canal de Laurer não observado. Glândulas vitelínicas consistem de poucos folículos pequenos, póstero-lateral ao ovário, medem mais ou menos 26 — 40 micra de diâmetro. Útero sobe até ao nível do poro genital; baixa no mesmo lado até perto da extremidade posterior do corpo; sobe de novo ao poro genital no outro lado do corpo. Poucos ovos (30 a 40); manchas oculares de miracídios visíveis na porção distal do útero. Ovos medem 29 — 32 por 64 — 75 (30 x 70) μm . Vesícula excretora não observada. Poro excretor terminal.

***Saccocoeleoides leporinodus* n. sp.**

Hospedeiro: *Leporinodus vittatus* Eigenmann.

Habitat: Intestino.

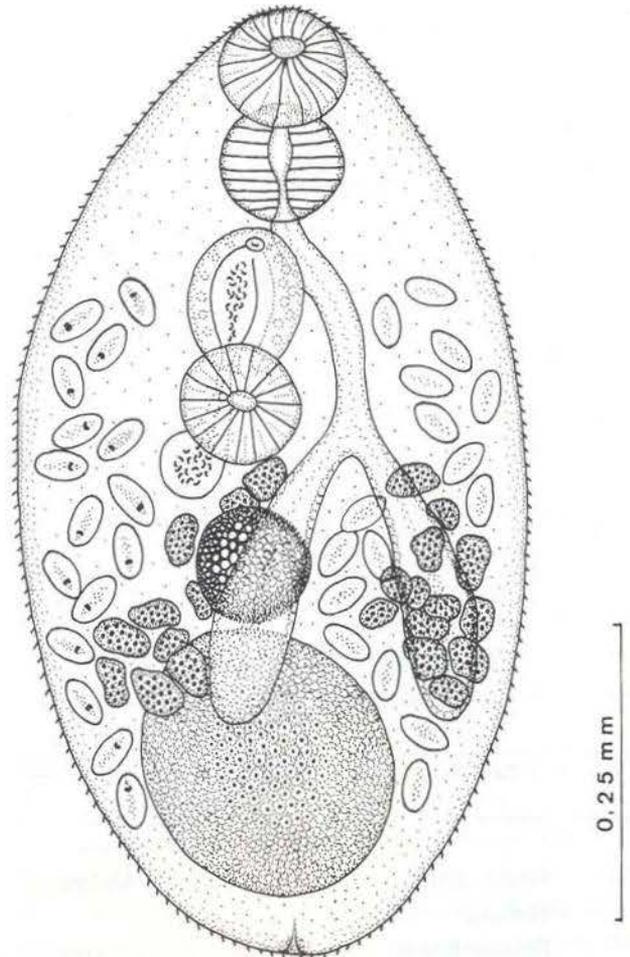


Fig. 4 — *Saccocoeleoides leporinodus* n.sp.; vista ventral (exemplo ligeiramente achatada).

Procedência: Altos do rio Cauca, Departamento do Valle, Colômbia.

Holótipo: Fundação Oswaldo Cruz Col. Helm. N.º 31480.

Parátipos: Coleção do autor.

DIAGNOSE ESPECÍFICA (baseada em 3 exemplares): Corpo ovalado, ligeiramente achatado dorso-ventralmente: mede 0,80 — 0,86 (0,83) de comprimento por 0,37 — 0,46 (0,43) de largura. Cutícula com pequenos espinhos. Ventosa oral subterminal; 0,093 — 0,13 (0,11) de diâmetro. Faringe grande, esférica, de diâmetro igual à ventosa oral; 0,093 — 0,13 (0,11). Prefaringe curta; esôfago longo. Cecos meiolongos, estendendo-se até ao fim do terço anterior do testículo. Acetábulo pré-equatorial, igual ou maior que a ventosa oral; mede 0,10 — 0,12 (0,11) de diâmetro. Acetábulo na zona a bifurcação intestinal. Testículo ovalado, pouco alongado, no terço posterior do corpo; mede 0,19 — 0,29 (0,23) de largura por 0,24 — 0,29 (0,27) de comprimento. Bolsa hermafrodita mede 0,093 — 0,11 (0,10) de largura por 0,11 — 0,14 (0,13) de comprimento. Vesícula seminal externa de tamanho variável presente. Poro genital submediano, perto da margem posterior da faringe. Ovário esférico, anterior ao testículo; mede 0,080 — 0,10 (0,09) de diâmetro. Canal de Laurer não observado. Vitelinos foliculares, dorso-laterais aos cecos, estendem-se do testículo ao nível do acetábulo; medem entre 60 e 90 micra de diâmetro. Útero lateral localizado em ambos os lados do corpo, estendendo-se do testículo até ao nível do acetábulo. Ovos poucos; manchas oculares dos mirácidos visíveis na porção distal do útero. Ovos medem 29 — 34 por 62 — 80 (32 x 70) μm . Vesícula excretora não observada. Poro excretor terminal.

DISCUSSÃO

Das três espécies de *Saccocoelioides*, descritas no presente trabalho, *S. magnorchis*, pode distinguir-se de todas as demais espécies do gênero por seu testículo volumoso, que chega a ocupar quase toda a metade do corpo.

Quatro espécies novas...

As outras duas espécies novas se parecem entre si, e mostram algumas semelhanças com *S. magnus* Szidat, 1954, e com *S. octavus* Szidat, 1970. As novas espécies (*S. sccodontis* e *S. leporinodus*) podem diferenciar-se destas pelas seguintes características: ambas as novas espécies apresentam o testículo mais próximo à extremidade posterior que as de Szidat. Nestas espécies novas a faringe é mais ou menos do mesmo diâmetro que a ventosa oral, enquanto nas espécies de Szidat a faringe é a metade, ou menos, do tamanho da ventosa oral. Também, *S. magnus* é quase o dobro do tamanho das espécies aqui descritas, e *S. octavus* tem ovos muito maiores que as formas consideradas aqui. Adicionalmente, as novas espécies são de diferentes espécies de hospedeiros capturados dentro de um sistema de rios distinto, localizado na extremidade oposta do continente sulamericano.

As novas espécies, aqui descritas, podem ser distinguidas pelas seguintes características morfológicas: Embora as duas espécies sejam aproximadamente do mesmo tamanho, o acetábulo da *S. saccodontis* é maior. Ele é, inclusive, maior que a ventosa oral. Na *S. leporinodus*, ao contrário, o acetábulo e a ventosa oral são quase iguais de diâmetro. Também, na *S. leporinodus*, as glândulas vitelínicas são maiores e mais estendidas. Elas passam anteriormente ao ovário nesta espécie, enquanto na outra, não atingem à margem anterior do ovário. A ventosa oral e a faringe de *S. leporinodus* também são maiores que as da *S. saccodontis*. As duas espécies procedem de diferentes gêneros de hospedeiros do mesmo rio.

SUMMARY

Four new species of intestinal trematodes (Haploporidae) from freshwater fishes of Colombia were described: *Chalcinotrema ruedasueltensis* n. sp. from *Astyanax fasciatus*; *Saccocoelioides magnorchis* n. sp. and *S. saccodontis* n. sp. from *Saccodon cauae*; and *S. leporinodus* from *Leporinodus vittatus*.

The genus *Saccocoelioides* Szidat, 1954, was redefined, and the species that should be included in it were discussed. *S. quintus* nom. nov. was proposed to replace the designation *S. N.º 5* Szidat, 1954. *S. elongatus* Szidat, 1954, and *S. magnus* Szidat, 1954,

were considered to be species *inquerenda*, and *S. sogandaresi* Lumsden, 1963, was excluded from the genus.

Additionally, the Brazilian species *Chalcinotrema salobrensis* Teixeira de Freitas, 1947, was reported from Colombia for the first time.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BROOKS, D.R.

1977 — A new genus and two new species of trematodes from characid fishes in Colombia. *Trans. Amer. Mic. Soc.* 96(2):267-270.

HUNTER, W.S. & THOMAS, L.J.

1961 — A new species of *Saccocoelium* (Trematoda, Haploporidae) from Beaufort, N.C. *Trans. Am. Mic. Soc.*, 80:176-179.

MARTIN, W.E.

1973 — Life history of *Saccocoelioides pearsoni* n. sp. and the description of *Lecithobotrys sprengi* n. sp. (Trematoda: Haploporidae) *Trans. Amer. Mic. Soc.*, 92:80-95.

OVERSTREET, R.M.

1971 — Some adult digenetic trematodes in striped mullet from the Northern Gulf of Mexico. *J. Parasit.*, 57:967-974.

SHIREMAN, J.V.

1964 — *Carassotrema mugilcola*, a new haploporid trematode from the striped mullet, *Mugil cephalus*, in Louisiana. *J. Parasit.*, 50:555-556.

SZIDAT, L.

1954 — Tremátodos nuevos de peces de agua dulce de la República Argentina y un

intento para aclarar su carácter marino. *Rev. Mus. Nac. Cienc. Nat. "Bernardino Rivadavia"*, 3:1-85.

1970 — *Saccocoelioides octavus* n. sp. una nueva especie del género *Saccocoelioides* Szidat 1954 (Trematoda, Haploporinae Looss 1902). *Rev. Mus. Argentino Cienc. Nat. "Bernardino Rivadavia"*, 10:87-100.

THATCHER, V.E. & DOSSMAN, M.D.

1974 — *Lecithobotrioides mediacanoensis* n. g., n. sp. (Trematoda: Haploporidae) from a freshwater fish (*Prochilodus reticulatus*) in Colombia. *Trans. Amer. Micros. Soc.*, 93:261-264.

1975 — *Unicoelium prochilodorum* gen. et sp. n. (Trematoda: Haploporidae) from a freshwater fish (*Prochilodus reticulatus*) in Colombia. *Proc. Helm. Soc. Wash.*, 42:28-30.

TEIXEIRA DE FREITAS, J.F.

1947 — *Chalcinotrema salobrensis* n. g., n. sp. (Trematoda, Waretrematidae) *Rev. Brasil. Biol.*, 7:461-464.

TRAVASSOS, L.; TEIXEIRA DE FREITAS, J.F. & KOHN, A.

1969 — Trematódeos do Brasil. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, 67:1-886.

YAMAGUTI, S.

1958 — *Systema Helminthum*, v. 1.: The Digenetic Trematodes of Vertebrates. Part 1. New York, Intersc. publ. 979 p.

1971 — *Synopsis of Digenetic Trematodes of Vertebrates*, Tokyo, Keigaku Publ. co., 1772 p.

(Aceito para publicação em 05-03-78)